

O VELÓRIO

AIROSILDA DOS PRAZERES ÁLVARO SEGUNDA

2022

Personagens

Cristina, a viúva

Tia Nvita, irmã do falecido

Roberto, primogénito do falecido

Joana, segunda filha do falecido

Dona Muinda, mãe do falecido

Ti Calado, irmão do falecido

João, amigo do falecido; e a **Amante** – figurantes.

.....

Cristina – Meiga, delicada, pacífica e submissa.

Tia Nvita – Conflituante, gananciosa e sem papas na língua

Roberto – Revoltado, com ideologias revolucionárias, usa dread locks e se opõe às tradições.

Joana – Sensível, menina de poucas palavras, pré-adolescente em fase de descoberta

Dona Muinda – Religiosa devota, mas respeita as tradições. Conselheira.

Ti Calado – Calmo, porém observador. Cauteloso.

Lugar: Um quintal de uma casa organizada (para não dizer luxuosa) dentro de uma zona periférica, Bairro Pioneiro Zeca, Cabinda.

Época: Abril de 2012

CENA 1

(Portão aberto, DVD e duas colunas que emitem, em falha, o cântico “quando Senhor Jesus me chamar, qual é a coisa que hei de levar? Não hei de levar nada, somente levarei a minha alma” e repete vezes sem conta, num tom quase inaudível. Uma figueira cujas folhas caem com a força do vento, mas os figos não. 5 cadeiras, uma tenda no meio do quintal cobre o caixão do sol. Uma pequena mesa de madeira envernizada com três pés e o retrato com a foto do malogrado sobre e duas velas apagadas nos extremos que nunca são acendidas, nem à noite).

Nvita dirige-se à cadeira mais próxima do caixão e senta-se sobre ela.

Nvita (abraçada ao caixão) - Mamé, mamé, maméeeeeee!(a tia grita, sem lágrimas, sem abrir os olhos). Mano foste assim mesmo sem se despedir? Você é ingrato... Eu disse que seguir essa mulher te levaria no buraco, agora viste? *E cala...*

Muinda, vestida de preto, carregando um terço nas mãos junta-se a filha enquanto acaricia o caixão que carrega o seu primogênito.

Muinda – Deixa-te de coisas, óh minha senhora. Nem no momento de luto consegues ficar em paz? Como é que o teu irmão vai descansar assim? (*Arrasta uma cadeira dentre as 5 e coloca ao lado da cadeira da tia. Senta-se sobre ela e aprecia o caixão silenciosa. Retira do bolso da pasta um guardanapo enxuga as lágrimas.*

O som no aparelho sobressai dentre o silêncio: “quando Senhor Jesus me chamar, qual é a coisa que hei de levar? Não hei de levar nada, somente levarei a minha alma”

Nvita – Mãe, a paz é para os mortos que não conseguem sentir mais nada. Ele fugiu a guerra desse mundo, desse bairro, dessa mulher do Sul. Nós, os vivos, estamos condenados a viver em guerra... Mano, comé que foste assim sem se despedir? (*Muinda não responde, olha para a nora, sentada na esteira e aperta o terço ao peito. Calado se aproxima, olha para a fotografia, depois para o caixão, abana a cabeça, dá duas palmadinhas no ombro de Muinda e se afasta para a porta. Acende um cigarro e dá um trago. O fumo soltou-se e inundou o Quintal...*) - Mais fumo para matar o fantasma do sul, por favor. Muinda tosse.

Na lateral esquerda encontram-se 3 cadeiras e duas pessoas sentadas, uma delas cujos olhos jorram lágrimas e cuja boca não sai nenhum piu.

Nvita – Mas oh mãe, quem é aquela jovem com panos wakxs* caros amarrados e lenço preto no pescoço, que desde que chegou está a chorar? Parece até que aqueles olhos não secam. Dia e noite sempre aqui, sentada sempre na mesma cadeira, não levanta o rabo daí, excepto às manhãs, que sai sempre como quem não quer nada, como se tivesse a fugir de todos, se torna invisível, mas eu a vejo e como a vejo! Sempre com pastas a condizer com as socas... (*Dá uma olhada de cima abaixo*

a jovem e desvia de imediato o olhar para a mãe)

Muinda (com uma expressão fácil de indignação) – não faças isso minha filha, não a conheço mas de certo que o teu irmão a conhecia, vamos viver o nosso luto enquanto família e vamos deixar ela viver o dela, deve ser uma colega do serviço ou sei lá, isso não interessa agora.

Nvita – conheço bem esses truques.

Dona Muinda – vou fingir não ter ouvido as besteiras que saem da tua boca, minha filha.

A escassos metros do caixão, uma esteira estendida com a viúva sentada, envolvida em panos e com a cabeça dos filhos em cada um dos ombros.

Roberto – Como vamos viver agora, mãe? Como vamos viver agora?....

Cristina, a viúva (com a voz rouca) – eu também não sei filho, mas Deus proverá , de certeza que Deus proverá (Suspira fundo com os olhos cheios de lágrimas). Ouvem-me os dois atentamente, não precisam movimentar-se, sabem como as paredes aqui têm ouvidos. Com a morte do vosso pai muita coisa vai mudar, sabem como esse vosso povo é cheio de tradições e pressinto que essa mudança não esteja distante. Preparem-se, tempos mais difíceis virão.

Roberto (trancando a cara) – Como assim mãe?

Cristina – Não vão entender agora, mas quando chegar o momento terão que crescer, já não existirão as asas do pai para nos acolher, é muito provável que sejamos só nós e nós, atenção a jogada.

Roberto – aaa! Finalmente seremos nós e nós (em tom enfurecido porém baixo). Ando farto dessa família que em nada acrescenta, sanguessugas de um raio, quero ver mais a quem vão sugar depois da morte do pai, jamais daremos alguma coisa para eles! O que nosso pai deixou e tudo que ele construiu é nosso e ele sempre fez questão de deixar isso claro.

Joana (em tom desgastado) – só quero que isso acabe!

Cristina – As tradições filhos, as tradições... nunca fui de acordo, mas não depende de mim, depois entenderão, um dia, talvez. Quem sabe... (e se instala o silêncio de um óbito sem gritos...vento. O som da coluna no fundo chega com ruídos e pequenos cortes).

Joana – Como a mamã conheceu o papá? Como viemos viver aqui?

Cristina – O quê?

Joana – A mamã conheceu o papá aqui?

Cristina – Essa história é muito longa filha...

Joana – Temos todo tempo do mundo, o papá nunca mais estará a nossa espera para o jantar...

Cristina – Não precisas dizer isso, minha filha. És uma extensão dele. Ele vive em ti, mesmo que não percebas...

Joana – Só quero que esse sonho acabe agora.

Roberto – Pior é que não é um sonho, maninha. O mundo real é este. Não me admira que as

pessoas aqui em Angola não evoluam...

Joana (corta Roberto) – Mas o que isso tem a ver com a forma que o papá e a mamã se conheceram? Diz-me, por favor (dirigiu-se ao rosto da mãe)

Cristina – Conheci o teu pai em Luanda, na Avenida Kwame Nkruman, perto da igreja Sagrada Família. Conhecemos-nos em Maio de 1994, lembro-me bem...

Roberto (corta a mãe) - Duvido!

Cristina – O quê?

Roberto – Duvido que se tenham conhecido assim há tanto tempo. Depois em Luanda, o palco da guerra. Como é que nenhum morreu? Falo, como ninguém MORREU NA GUERRA, já que o pai morreu agora. Parece que estava só à espera do nosso nascimento. Como pôde? Que raio de pessoa é que sobrevive na guerra para morrer em tempo de paz?

Cristina – Vê bem como falas do teu pai. Tu não ousas falar assim dele.

Joana (pega o braço da mãe) - não liga o mano, mamã, continua a contar para mim.

Cristina – Tudo bem, minha filha, tudo bem. Como dizia, conhecemos-nos em Maio de 1994. Minha família é de Benguela, mas todos fugiram a guerra e foram para Luanda, onde as coisas estavam menos complicadas. Eu nasci em Luanda. Na altura em que conheci o vosso pai havia um cessar fogo para conversações. Também não teria problema caso fosse o contrário, a guerra sempre fugiu a zona baixa da cidade capital. Minha mãe tinha uma casa que fazia comida para os viajantes. Passavam todos por lá, conheci imensas pessoas que se fizeram grandes no país. Vosso pai era um desses viajantes. Escreveu-me uma carta no dia que nos conhecemos a elogiar o prato que comeu. Disse que nunca tinha comido na vida um peixe igual àquele. Minha tia, Suzana, ajudou-me a ler. Desde aquele dia passou a frequentar a casa na mesma hora de sempre, todos os dias. Ah, Nzambi, como eu amo esse senhor (lacrimeja).

Joana – se te faz mal não conta, mãe. Não gosto de te ver a chorar.

Cristina – Não te preocupes filha, esse choro é diferente. É choro de amor, não de perda. Continuando... um dia daqueles, acho que em Dezembro de 94, convidou-me a sentar na mesma mesa que ele e comer um pouco da minha própria comida. Disse-lhe que tinha que escrever uma carta dirigida ao meu pai. Minha família sempre foi muito conservadora. Ele fê-lo num instante. Meu pai respondeu no dia seguinte. Recusou o convite.

Joana – Recusou (indignada). Como assim recusou o convite?

Cristina – Disse que não estava preparada para ser mulher, era muito cedo.

Joana – Mas era só convite para um almoço.

Cristina – Os pais sempre sabem quando um almoço não é só um almoço. Sabia de tal maneira que hoje sou casada com ele, quer dizer, viúva dele, já nem sei como me referir.

Roberto – Viúva! A mamã é viúva. A morte vos separou. O que vocês juraram já não vale.

Joana - Possas Roberto, por quê que tens que ser assim tão chato? Deixa a mamã contar.

Cristina (cortando Joana) – O Roberto tem razão.

Joana – Ex mulher só existe em vida. A mamã sempre será mulher do papá.

Roberto (para Joana) – Você não sabe nada. Você não tem palavra aqui.

Cristina – Pára de se implicar com a tua irmã, Roberto.

Joana (com a cabeça baixa) – Mamã, termina só de contar, já não ouvirei o Roberto.

Cristina – Chorei muito naquele dia, já estava a começar a gostar dele. Ele partiu, ficámos um bom tempo sem nenhum contacto, durante muito tempo até pensei que tinha morrido na guerra, ouvi que estava no Uíge e a guerra lá estava intensa. Voltamos a nos ver em 1998, no Primeiro de Maio e casámos na semana seguinte. Minha família não apoiou, mas viu o meu sofrimento quando ele partiu, então ninguém se opôs directamente. Tivemos o Roberto em 1999 e viemos para Cabinda em 2002, logo depois do 4 de Abril. Ele tinha recebido uma grande proposta de emprego. Minha família ficou aos prantos, mas não podiam fazer nada. A Tia Joana ainda me visitou duas vezes no primeiro ano, mas depois desistiu. Desde aquela data Cabinda passou a ser o único lugar que os meus pés conhecem.

Roberto – Mamã tem estômago ya... Para aguentar isso tudo e parar aqui, é preciso muito estômago, Dona Cristina.

...

Amante (aos choros) – Você prometeu que casaria comigo(o amigo se aproxima e coloca-lhe a mão no ombro)...

João, o Amigo – Já sabes como vais contar à Família dele?

Amante (suspira) – Ainda não tive tempo para pensar nisso.

Amigo – Tens que ter muito cuidado. Esse povo aqui é perigoso, vai que fazem algum mal ao teu bebé.

Amante – Eu sou neta de 7 sobas. Na minha família dão-nos osso de leão quando criança para termos força. Essa coisa de misticismo em mim não atua, principalmente quando tenho legitimidade. Se algum bruxo dessa família tentar alguma coisa contra mim terá o mesmo caminho que o Simão. Vão acabar todos, sangue do outro não se mexe.

Amigo – por isso toquei no assunto do teu bebé. A ti eles podem não fazer nada, mas o miúdo tem sangue deles também. Esses sabem muito.

Amante (coloca as duas mãos sobre a barriga e acaricia) - Obrigado, mas nada vai acontecer com o meu bebé.

Amigo – Então será um menino?

Amante – Não sei ainda, mas torço que sim. Darei a ele todo amor. Será uma tarefa difícil cuidar

dele sem o pai, mas a herança vai ajudar a minimizar as despesas, pelo menos por um tempo.

Amigo (sorri, solta uma gargalhada e coloca a mão sobre o ombro da Amante)

Amante – Não é local nem momento para rires assim. E por quê que te ris? Disse alguma coisa engraçada?

Amigo – Não te apegues muito a isso.

Amante – Como?

Amigo – Estou um pouco céptico quanto a isso. Melhor seguir com a vida. Entendo o motivo de estares aqui, amaste muito o meu amigo, mas ir por essa via que procura é perigoso.

Amante – Já tomei a minha decisão. Além disso, ele deixou o testamento muito claro. A família fica com a casa, mas tudo o resto é meu e do meu filho.

Amigo (alterado) – Mas quem é que disse que essa família liga esse pedaço de papel? Melhor abrir os olhos.

Amante (levanta-se) – Acalme-se. Agora todo mundo está a olhar para nós. Não sei o que te deixa tão alterado assim, mas acalme-se. Eu vou ter que sair agora, nos vemos depois. Passo aqui no final do dia. Amante (para si mesma, em tom baixo): Imagino que estejam a pensar quem é essa?!

(Aproxima-se do caixão olha fixamente para ele e para a Nvita). Choros escondem histórias. (e se vai sem olhar para trás. Nvita logo sai em passos curtos da sombra e vai de encontro ao Calado)

Amigo – *(abandona o assento próximo a amante, levanta e se aproxima ao caixão cabisbaixo)*

“vou ter que ir agora, grande amigo. Apesar de um grande homem ter morrido, os vivos têm que continuar a viver” *(diz com a mão sobre o caixão. Dirige-se à viúva e aos filhos, agacha próximo a esteira)*. É só força, minha cunhada. Nunca sei o que dizer nesses momentos. Foi um grande homem, mas a vida é assim. *(Dirige-se ao portão dando o sinal ao Calado de sua partida, sem proferir nenhuma palavra. Calado manea a cabeça em forma de “sim”)*.

Nvita – Mano (em fiote), conheces a jovem de lenços amarrado que acabou de sair? *(Calado gesticula a cabeça em forma de não)* Pelos vistos ninguém a conhece, nem a parva da Cristina, julgo. Saiu e não foi se despedir dela. Desde o primeiro dia de óbito que ela vem aqui e não fala com ninguém, excepto o João, colega do falecido. Entra calada e sai muda! *(Calado olha para Nvita, acende outro cigarro e dá um trago. Sai para a rua)*.

CENA 2

FUNERAL

Domingo. Céu nublado, clima de chuva, Cães da vizinhança latindo mais do que o habitual. No mesmo quintal, a coluna continua a tocar mesmo com os excessivos cortes que se intercalam com os choros... O cenário continua o mesmo, a tenda, a mesa envernizada, a fotografia, as 5 cadeiras,

a esteira com a viúva que desde o início do óbito não se levanta, os filhos, a Amante sentada na cadeira do fundo, o Amigo, a Muinda e Nvita. O portão continua aberto e em posição de saída se encontra o carro fúnebre.

O Amigo (em tom baixo) – O malogrado parece que não quer ser enterrado.

Calado larga seu posto e aproxima-se junto do caixão. Abre-o, um vento forte consome o local... caem as folhas da figueira pela segunda vez. Trovoada... os choros se intensificam.

“Te-te-tenho dinheiro, para comprar tudo, ma-ma-mas a vida não se compra” ouve-se longinquamente na coluna que se encontra a escassos metros.”

Cristina, a viúva – Meu maridooooo, meu marido (*chora em dó seguindo o ritmo do cântico que chega com cortes e cai desnorteada na esteira*).

Roberto e Joana (agarram a mãe) – Não nos deixa, mãe. Só temos a ti nesse mundo (gritam em uníssono)

Nvita – Manoooooooo, manoooooooooooooo, Zezu Cristu, porquê? Meu irmão, porquê? (*chora amargamente enquanto chingula próximo ao caixão*)

Calado abraça a mãe, Muinda, que parece ofegante no meio do seus choros.

Muinda – Meu primogênito... meu primogênito! (*Encosta a sua mão na face do falecido e desenha círculos em seu rosto com o médio e o indicador*). Mwana Muinda, meu filho, desculpa, não pude te proteger o suficiente. Até agora ninguém diz o que aconteceu de concreto. Foi uma paragem cardíaca, isso sabemos, mas isso é só consequência, tem que ter uma causa. Ah, Mwana Muinda (coloca as mãos na cabeça), Simão, te parecias tanto ao teu pai. Eram tão parecidos que partiste cedo como ele. Eh, meu filho, o que será de mim agora? Quem vai te receber do outro lado? Quem vai fazer sacafolha, meu filho? Também não sei por quê que Deus faz essas coisas. Tenho me dedicado a servir ao Senhor, mas parece que só faz o contrário do que peço. Cá entre nós, meu filho, começo a duvidar que ELE existe. Talvez a Nvita tenha razão, talvez toda nossa família tenha, talvez tudo seja só fruto do trabalho e não de nenhuma bênção. Não tem lógica ser retribuida dessa forma? Que mal eu fiz nos últimos 10 anos para merecer tamanha dor? (Chora) Filho, você é ingrato... (intensifica os choros). Você não presta. É suposto os filhos enterrarem os pais e não o contrário. Eh, Mwana Muinda, meu filho, Simão, você não presta. Hoje de manha encontrei aquele casaco que te ofereci no natal passado. Disseste que não te chegava, mas guardaste até o último dia de vida. Ainda consigo sentir o teu cheiro nos arredores da casa, de tempo em tempo fecho os olhos na esperança de que tudo isso seja só um sonho, mas quando abro o desespero toma conta de mim... O mesmo cenário, o mesmo caixão, os mesmos choros, o mesmo vazio. Eu te vi a melhorar, ainda pediste água no hospital. Eh, Mwana Muinda, esse é qual feitiço que faz as pessoas melhorarem antes de morrerem? É pra entrarem saudáveis no céu? Eh, Mwana Muinda (baixa a cabeça, em

prantos, chora). "Quando o senhor Jesus me chamar, qual é a coisa que hei de levar..."(canta, intercala com os choros, reergue-se, canta com mais intensidade, acaricia o caixão). Ainda ontem que ligaste a dizer que já tinhas chegado do mar? Eh, Simão, você não presta(*Calado pega na mão da mãe e afasta carinhosamente. Nvita junta-se à eles , e ficam os três, parcialmente abraçados ao lado do malogrado*).

Amante (*Se levanta e aproxima-se ao caixão, lágrimas continuam a escorregar dos olhos, sempre com o lenço preto em seu pescoço*) – Choros escondem histórias (*desabafa consigo mesma*). Sonhei vivermos os dois nessa casa, disseste que viveríamos, seja aqui ou em outro lugar qualquer, apenas os dois, longe do mundo, longe de tudo, da tua esposa, dos teus filhos, dos teus irmãos, de tudo! Parecias ser imortal, era grande o fogo que te movia, mas hoje estás aí, frio, nesse fato que te ficou bem. Sempre ficava, os fatos todos pareciam ser feitos exactamente para ti. Sou essa viúva que não pode chorar alto, essa viúva que vive o seu luto em silêncio. Mas prontos, me submeti a isso desde o começo na esperança de um dia sermos um só. Longe desse triângulo amoroso, tínhamos tudo para ser. Continuo a te amar e vou continuar a chorar e a guardar em meus choros, as histórias que o tempo marcou, que o vento levou... descanse em paz, meu gindunguinho. (*Se afasta do caixão a passos largos*)

Os filhos choram abraçados a mãe, estão agora de pé, na esteira...

Roberto – Sempre me disseste que homens não choram. Nunca deixaste que caísse sequer uma lágrima de meus olhos. "chorar é para os fracos" e o mundo é dos fortes! Essa é a tua frase. É. Prefiro acreditar que ainda estejas entre nós. Aliás, ainda estás, consigo te ver daqui, de um jeito diferente velho, mas epá, consigo te ver. Sinto muito pai, mas estou fraco hoje. Não consegui contê-las mesmo após esforços consecutivos. Sei que temos que proteger a ferro e fogo a Velha, e para isso temos que ser machos, homens de verdade. E homens de verdade não choram. Vou limpar a última lágrima que escapou dos meus olhos, mais uma vez. Levarei comigo os ensinamentos, vou continuar a construir o nosso império, o teu sucessor está aqui e vai cumprir com a profecia. E vou proteger a velha, descanse em paz.

Joana – Descanse em paz, papá. Olhe por nós daí de cima. Ofereça-nos estrelas nos dias de céu limpo e nos visite quando estivermos a dormir.

Caem as folhas pela terceira vez... O amigo se aproxima ao caixão e uma trovoada forte rasga o céu. Choros continuam audíveis e o carro fúnebre está preparado para receber o corpo.

Amigo (*olhando para o malogrado, em tom baixo*) – Os melhores não duram, morrem cedo. Não foste a exceção da regra, meu grande amigo. Nunca foste tão bom samaritano como aos olhos de muitos te fazias transparecer, mas sempre foste bom em tudo o que fazias, até a enganar. Desde mulheres ao sucesso profissional, sempre o melhor. Admiro-te desde sempre, já que somos amigos

desde sempre. E no fundo continuarei a admirar. Não sei se descansarás em paz, nem sei se quero que descansas em paz. Talvez queira, talvez não. Deixaste muita maka aqui, não sei como conseguiremos lidar(olha para a Muinda entristecido, aproxima-se dela e coloca-lhe a mão sobre o ombro) — Perdemos um grande homem..! (Muinda desata novamente em choros).

Todos em pé, o caixão é posto no carro, a música na coluna faz-se a ouvir melhor junto com os choros que soam em uníssono.

Muinda (para Cristina) – Essa é a hora! Chegou a hora de cumprir com a tradição para que o espírito do falecido não continue contigo, Cristina, e possa finalmente descansar em paz.

O caixão é posto no carro, Roberto com a fotografia do malogrado e Joana com a Cruz, escrito “Aqui Djazz” (Simão, 2012). Cristina abandona a esteira que durante 4 dias a acolheu. Com pés descalços e coberta com panos, olha infinitamente para o portão aberto. Sobre a sua cabeça tem uma garrafa cheia de areia e, ao seu lado, a Muinda. O carro fúnebre parte em velocidade mínima e em pequenos passos segue Cristina o carro. Choros... Já não se ouve o cântico

Nvita (grita e chinguila) – Meu irmãoooooo, meu irmãooooooo(o pano cai, deixando visível o seu colã interior preto) - Eh Zezu Cristuuuu.

Roberto (com a fotografia do malogrado, dá um mixoxo) - Pára mazé de chinguilar.

Joana (Suspira de cara trancada) – Que isso acabe, logo!

Muinda (dirige o olhar para Cristina) – Não podes falhar, deve partir! (Já a uma pequena distância de casa, a Muinda coloca a pedra no chão frente a Cristina. Todos de olhos nela, o carro para por uns segundos, Nvita corta o choro, a amante atenta, o amigo, o tio, os filhos e os cães... todos, todos de olho nela. Num único lance Cristina parte a garrafa, e corre de volta para casa por outro caminho sem olhar para trás enquanto os outros seguem para o enterro).

Muinda (para as pessoas) – Ela é inocente. Não teve nenhuma culpa. Cristina está livre, meu filho pode descansar em paz.

CENA 3

7 dias após o funeral

Cristina, os dois filhos e Muinda (debaixo da figueira). Luando/esteira, óleo de palma numa tigela de plástico e uma tesoura. Cristina e os filhos sentados; a sogra, Muinda, agachada.

Muinda – "Maria mãe dos caminhantes, ensina-nos a caminhar... Nós somos todos viajantes, mas é preciso sempre amar..."(canta Muinda enquanto corta o cabelo de Cristina com tesoura). A tradição diz que precisas andar com o cabelo rapado durante um ano para que o teu falecido marido, meu filho, que Deus o tenha(faz o sinal a cruz), possa encontrar abrigo nas alturas. Já estás na

família há muito tempo, meu neto daqui a pouco já te tornará avó, creio que já tenhas visto outras a passarem pelo mesmo processo. Não é nada pessoal, minha filha, também me dói cortar esse teu cabelo lindo, mas precisa ser feito...

Cristina – Sei sim, mamã. Só não sabia que era a mamã quem tinha que cortá-lo...

Muinda – É sempre a sogra, sempre ela. Na ausência sogra é a irmã mais velha dela que fará o procedimento. Serve para mandar o recado ao falecido que não deixou nenhuma intriga entre a viúva e a família dele. Mais uma coisa (*aproxima-se até ao ouvido de Cristina*): Não te envolvas com ninguém durante esse ano, ou a pessoa com quem ficares receberá o espírito do falecido e morrerá também (*pinta-lhe a testa e os braços com óleo de palma*). "Maria mãe dos caminhantes, ensina-nos a caminhar..." (*cantarola enquanto se dirige ao Roberto*). Agora é a tua vez, meu neto.

Roberto – Essas coisas em mim não, avó (*vira-se e cruza os braços*)...

Muinda (levanta a voz) – Óh meu menino, acha que eu tenho prazer em sujar a tua roupa com óleo de palma? Com a tradição não se brinca. Vem cá, é só um minuto e depois passa...

Roberto – O óleo de palma limpo, mas os meus rastas... os meus rastas não vão crescer amanhã...

Cristina – Fica lá mazé bem, senhor. Facilita o trabalho da tua avó (*vira-lhe o corpo e descruza-lhe as mãos*)...

Muinda, ainda agachada dá dois passos na lateral direita e aproxima-se a Roberto.

Roberto (*Meio amedrontado e com os rastas cobrindo a face e o pescoço*) - vais cortar os rastas* todos, avó? Não, não faz isso, avó!

Muinda – Não, meu filho, só dois deles. Um a frente e outro a trás. Como disse a tua mãe, também me dói fazer isso. Mas que devo cortá-los devo! Obrigatoriedade da tradição e contra a tradição não se joga!

Roberto – Silêncio.

Cristina (*em silêncio roda ligeiramente seu pescoço para que seu olhar se encontre a cara de Roberto*)

Muinda pega uma trança e continua com o cântico *Mariano* quando se ouve o primeiro tec e o cair do rasta... "nós somos todos viajantes, mas é preciso sempre amar"

Joana (*ainda sentada na esteira, com as pernas entre abertas começa a rir sem parar, com os dedos indicador apontados a mãe e ao irmão, começa a cantar*) – eeeee, mamaeeeeeee, manooooooooooooeee, eeeee Careca txiabonda*, não tem cabelo no meiooooooo(2x). (*E todos desatam-se em risos. Cristina, a viúva, Roberto, Muinda a sogra e a Joana*).

Muinda (com sorriso no rosto e em tom de zombaria) – a ti também vou cortar, minha querida(Joana continua a rir). Não estás isenta, não! A vovó vai cortar o teu cabelo também.

E sem que terminassem de rir ouve-se o roçar do portão no chão interrompendo de imediato os

risos. Todos levantam olham fixamente para o portão.

Entram em cena Tio Calado e Tia Nvita

Nvita (andando em direção a esteira com expressão facial desprezível e em tom meio alto) – Ah! 7 dias se passam e os risos já começaram? Já sabem como se ri? (*Espantada*) Não é cedo demais para isso? (*Cruza os braços*) Meu irmão deve estar se revirando no túmulo! Até você mãe! (*descruza os braços*)

Muinda (extremamente chateada) – São maneiras, Nvita?! Muito sinceramente pá, achas que só tu estás a viver o luto? Vens cá com esses tons, ah, já sabem como se ri? Já sabem como se tuvi*?! Cala-te, Nvita, mas cala-te mesmo (*com a mão na cabeça*). Sempre inconsequente, não sei quando vais deixar isso. Cala-te, mas cala-te mesmo!

Ti Calado (olhando para a Nvita, sem falar nada).

Cristina (indignada, pensa em voz alta) - assunto de família, aí não dá para se meter. *Roberto e Joana permanecem calados de pé na esteira.*

Muinda (dá muxoxo) já ando cansada desses teus comportamentos! (*Olha para Roberto, Cristina e Joana*) Vão me desculpar, Nvita me tira do sério. Tem que ter limites.

Nvita – Não faz tempestade no copo de água, mãe. Me desculpa se falei mal, mas muito sinceramente, mãe... (*Muinda corta-lhe antes quer de continuar com o discurso*)

Muinda – Chega! Faz só passar vergonha a frente da nora (*Aborrecida*).

Nvita – Ex nora.! Nossa irmão morreu então o nosso vínculo com ela também acabou!

Ti Calado continua em silêncio.

Cristina (com as sobrancelhas sobressaltadas permanece calada).

Roberto (de cara trancada) - Querem cortar vínculos agora?

Cristina (em tom baixo) - Roberto!

Roberto olha para mãe. Cristina, sem dizer nenhuma palavra mais além dessa, coloca o dedo indicador sobre os lábios mandando-o calar. Joana sem entender nada permanece calada e imóvel Nvita tenta abrir a boca para responder quando é interrompida pelo tio Calado

Muinda – Não precisa ser assim. Esses (*apontando para os netos*) são meus netos, filhos do meu filho Simão. São vossos sobrinhos, ninguém pode mudar isso. *Nvita solta-se de Calado.*

Nvita – Mesmo assim. Nossa irmão era o que nos ligava, mas ele morreu.

Muinda – Laços de sangue não se desfazem, óh Nvita.

Nvita – Isso tudo é uma treta.

Roberto – Nós não precisamos de ti, Tia. Deixe-nos sós e com o que o nosso pai nos deixou, pois é tudo nosso.

Nvita – Tudo vosso? Desde quando?... Diz-me...!

Nvita intervém, mas não se percebe o que diz, pois a voz de Roberto abafa todas as outras.

Roberto – Meu pai construiu isso tudo sozinho! Tudo que ele teve, enquanto vivo, conseguiu sozinho, com o seu esforço e dedicação e você vem aqui me dizer que vão usufruir do esforço dele? Tudo nosso!

Nvita – Quem você acha que é? Seu mijão. Você tem sorte que eu sou boa pessoa. Se fosse a prima Lemba, essas pernas... Rhum... Essas perna... Nunca pisaste tala né?

Roberto – É só isso que sabem fazer. Seus feiticeiros de uma figa. Ganância que vos move é que vai vos matar, seus sanguessugas. Nós não vamos sair daqui.

Cristina – Meu filho! Meu filho...

Roberto – Não, mãe! Eles têm que me ouvir... Ti Calado dá uma chapada na cara de Roberto, segura-lhe pelos colarinhos, enquanto o tira do quintal afora...

Cristina (atrás de Calado) – Largue o meu filho, largue o meu filho!

Joana – (chora)

Muinda (chora) – Não precisam ser assim... Tende misericórdia, Senhor...

Nvita – Saiam daqui! Não sei onde cairão mortos, mas saiam daqui.

Já fora do quintal, Nvita e calado fecham a porta do quintal com estrondo.

Muinda (aos choros com a mão sobre o peito) – Não queria que fosse assim, vai me desculpar, minha filha. Não tinha que ser assim... não precisava ser assim! Nunca fui de acordo com esta parte da tradição. E mesmo não podendo ir contra ela, não precisava ser dessa maneira, sinto muito. Tudo que posso dizer é apague o que se passou, mas minha filha, a vida é sobre recomeçar. Recomece em outro lugar, volte para a tua terra e esqueça tudo.

Cristina – Não, mãe, não faças isso. Não precisas te desculpar, não precisas chorar (*diz enquanto limpa a lágrima que escapou dos olhos de Muinda*).

Muinda – Mas...

Cristina (corta-lhe de imediato) – Não mãe, mas nada, não faças isso. Chega de querer se desculpar pelos erros cometidos pela Nvita, chega mãe. Ela é adulta, dona de seus actos e ela deve ser a única responsável pelos seus actos, a única. E o Ti Calado, pior ainda. Ambos são adultos, mãe, chegou a hora da mãe fechar as asas para eles. Mãe, sou casada com o seu filho há anos, e durante esse tempo várias foram as situações que vivemos nesse ambiente familiar, várias foram as situações que deixei a voz de Nvita sobrepor a minha, por ser cunhada, por ser irmã do meu marido, várias foram as situações que Nvita me faltou o respeito no canto e a frente do Simão, me dava beijos na bochecha. É a Nvita, fazer o que?! Não escolhemos o coração dos nossos filhos, mãe. Nascemos eles mas não escolhemos o coração deles. Cresci ouvindo isso, mãe. Então, o que a Nvita me dizia me afectava, já chorei inúmeras vezes calada por tudo quanto ela me falou. Mas aprendi a ouvir, calar e a

ignorar. Hoje nada mais do que ela diz me afecta, mãe. Eu já estava preparada para este tipo comportamento por parte dela, o estranho seria se ela adoptasse um comportamento diferente desse, isso sim seria estranho. Ela já me mostrou a verdadeira face desde o começo. Estudei ela como uma disciplina. Meu coração também já não está aqui mãe. Com a morte do meu marido, nada mais tem a se fazer aqui. Eu não pertenço a essa terra, e apesar dos meus filhos terem crescido aqui, a Joana até nasceu aqui, eles também não pertencem aqui de todo. A única coisa que nos prendia aqui era o Simão. Talvez um dia voltemos mãe, um dia quando o Roberto quiser casar ou quando chegar a altura da Joana entrar na casa de tinta, voltaremos... Roberto daqui a pouco me dará netos, terás que viajar para ir ver os teus bisnetos, e quando a Joana der a luz vais lá para me ajudar a dar os banhos a Joana (*voz trémula, com lágrimas nos olhos porém sorrindo*). Nós vamos, mas, de todos, tu és a que ficará para sempre em nossos corações. Passaremos a ligar sempre. De ti jamais me esquecerei minha mãe, porque é isso que representas para mim, uma mãe. Desde o começo me trataste como filha, sempre cuidaste de mim, não como nora, você nunca me tratou como nora. Numa terra desconhecida, mais do que uma sogra eu ganhei uma mãe.. Sempre estiveste ao meu lado, sempre me instruiste, nossas conversas são sempre essas sem fim. Como vou te agradecer? Como, mãe? Só tenho o meu muito obrigada para te dar. És uma pessoa excepcional, minha mãe. És um anjo. Meu anjo da guarda. Te peço, continue me guardando mesmo de longe. Aliás, continue nos guardando mesmo de longe, porque mesmo como avó foste excepcional.

Muinda – Sempre vou vos guardar, Sempre.

Cristina – Me recebeste de mãos abertas em sua casa, me lembro quando o engenheiro me apresentou a ti: “mãe essa então é a minha namorada”, na altura ainda namorávamos, e era suposto oficializarmos tudo para seguir com o resto. Eu toda amedrontada, disse, meu Deus será que a mãe dele vai gostar de mim? (*Sorrindo*)

Muinda – (Sorri)

Cristina – Como dizem, nosso sangue bateu, minha mãe. E hoje estamos aqui. Só tenho agradecer por tudo minha mãe, por tudo e mais alguma coisa.

Muinda (emocionada) – Não agradeça, minha filha. Admiro-te muito e sempre admirei. Sempre deixei claro ao falecido, eu lhe disse logo depois do nosso primeiro contacto: “meu filho você arranjou uma grande mulher, não a largues por nada porque já não vou aceitar outra nora” (risos)

Cristina (cortando) – Eh! Tenho sim que agradecer, mãe. Tenho sim que agradecer. (*Sorrindo*), dessa última parte não sabia, afinal foi alertado (*ri e abraça Muinda*)

Muinda – É verdade, minha filha . Mas (*desfaz-se do abraço e olha fixamente a cara de Cristina*) falei em recomeçarem, mas... por onde vão começar a recomeçar? Você saiu de lá há tanto tempo e nunca mais voltaste... e agora ...

Cristina – É mãe, sai de lá há muito tempo para viver o amor num lugar distante das minhas

origens, da minha família e dos meus amigos. Larguei minha “pequena carreira”, se assim podemos chamar, como pasteleteira e costureira para viver o amor, larguei tudo. O amor, minha mãe, amar é ouvir a voz de longe, a voz do interior, e a minha voz dizia para deixar tudo e ir. Então vim. Não me arrependo de nada. A vida dá voltas, e mesmo com as milhares de voltas que a minha vida deu, hoje estarei voltando às minhas origens. Desde sempre aprendi a poupar, já desde pequena, colocava dinheiro nas garrafas e garrafão de vinho e mesmo vindo morar com o marido nunca deixei disso. Parte da mesada que o engenheiro me dava eu colocava numa conta bancária, todos os meses sem exceção de nenhum. Esse dinheiro guardei para os meus filhos porque o hoje é nosso, mas o amanhã é do outro... o amanhã é de Deus e esse amanhã desconhecemos, podem acontecer coisas que estão fora do nosso campo de atuação. Coisas que não podemos controlar mesmo que queiramos.

Muinda (Concorda com a cabeça, e afirma novamente) – O amanhã não é nosso mesmo!

Cristina – Eh, mãe. Mas, mais vale prevenir do que remediar. E mesmo sendo uma mulher submissa e totalmente dependente sempre tive a preocupação de guardar um parte do dinheiro nessa conta. Hoje não voltarei com uma mão a frente e outra a trás na minha terra, seria vergonhoso ter que voltar lá assim. As pessoas falam, e já imagino o que diriam e o que dirão mesmo assim com o meu regresso.

Sempre fui boa com doces e salgados. Antes de vir para cá até já era conhecida no bairro como a doceira da casa dos Kabaça porque vendíamos os bolos e enroladinhos bem lá na porta de casa. Tínhamos uma alfaiataria em casa, era ajudante da minha mãe e a mãe sempre foi uma grande costureira então passou seus dotes para mim. Com esse dinheiro quero começar um negócio com pastelaria e um ateliê talvez... a princípio vamos para casa dos meus pais para nos instalar mas depois daí vamos para a nossa casa e a Dona Muinda vai poder ir para lá nos visitar sempre que for a Luanda. Então, não precisas te preocupar, minha mãe. Deus vai nos dirigir, vai ficar tudo bem. Como disseste, a vida é sobre recomeçar. Deus te abençoe eternamente minha mãe. E que continue te cuidado e te protegendo.

Muinda (*continua olhando atentamente para a Cristina enquanto discursa e sem dizer nenhuma palavra com lágrimas nos olhos só sorri*)

Cristina – Abençoe os filhos, mãe.

Muinda – Roberto, Joana, têm a minha bênção. Roberto, cuide da tua mãe e da tua irmã. Joana, respeite sempre a mamã e o mano. E quanto a ti Cristina, minha filha, que Deus te abençoe abundantemente.

Roberto e Joana olham fixamente para a avó.

Cristina – Nós vamos indo. Até algum dia que espero que seja breve. Estaremos a aguardar a tua visita. Não é um adeus, é um até já, mãe

Cristina, Roberto e Joana abraçam simultaneamente a Muinda, e logo após dão costas e vão.

Joana vira de costas, olha para a avó que se encontra ainda encontrada ao portão, levanta a mão em sinal de adeus volta a virar e vão. Muinda (retribui o adeus limpando as lágrimas e entra no quintal.

Nvita (indignada) – Olha esse miúdo Oh, mano! Já acha que tem voz para dizer que isso tudo é deles. Acha que tem pêlos suficientes para bater de frente connosco. Isso tudo é fruto das aberturas que a burra da mãe dele lhe dá. O filho falou o que falou nem conseguiu calar a boca dele. Fizeste bem de lhe dar a chapada, até merecia mais. Não sei se são os rastas a lhe confundir ou o quê. Ficava a se mijar à toa, eu, eu Nvita (*diz enquanto bate duas vezes com o dedo indicador no peito*) lhe troquei as fraldas, até os lençóis dele de xixi já lavei, hoje se acha homem suficiente para me levantar a voz. Mijão!

Ti Calado permanece em silêncio ouvindo atentamente cada palavra proferida por Nvita.

Nvita – Eh mano. Mas deixa-me esquecer esse miúdo, não é ele que vai me aquecer essa hora. Vamos para o que nos interessa. Mesmo a mãe, não sei o que está a fazer lá com eles. Juro que já cheguei a me perguntar se a filha dela sou eu ou a parva da Cristina! Essa hora ela que tinha que estar aqui, mas foi lá, a chorar atrás da nora querida (*faz careta e revira os olhos*). Possas! Não sei o que ela vê nessa Cristina ya! Não sei o que meu irmão viu nessa Cristina! Não sei mesmo. A mãe foi lá a correr a trás dela. Vínculo dela com essa família acabou, mas parece que aqui nessa história ela é a única que não quer entender isso. Só o Simão nos unia, apenas ele, mais ninguém. Essas crianças nem sei se são mesmo do meu irmão, se calhar nem são. Não é à toa que não gosto muito deles. Tem algo aí com eles. Ainda bem que posso parar de fingir ser a tia queridinha. Nós já não temos vínculo com eles, já não temos! Acabou! Não há, Cristina, não há Joana, não há Roberto, não há ninguém. Tal como morreu o mano Simão e jamais voltaremos a ver é da mesma forma que eles morreram para nós, não quero saber onde vão cair mortos, mas os quero longe. Tão longe que a vista dos meus olhos não poderão alcançar (*Nvita se aproxima de Calado. Calado continua em silêncio, não profere nem um pio sequer e quanto a sua expressão facial não transmite nada, nem aprovação nem reprovação*).

Nvita – Dá-me nervos até falar deles, mas indo para o que nos interessa, vou até usar a frase do mijão do Roberto, é tudo nosso. Isso é tudo nosso, mano. Graças ao Simão vamos poder desfrutar de tudo o que ele deixou. Casas, carros, dinheiro, tudo. Trabalhou muito durante a vida, agora chegou a hora de descansar. Quanto a nós, vamos desfrutar de tudo o que deixaste (*olha para o céu*), vamos cuidar bem de tudo, mano. Aliás, nós, teus irmãos, mais do que ninguém para cuidar disso. Não só o sangue que nos une, mas a própria tradução está do nosso lado. Não há mulher. não há filhos, a tua família é que tem de cuidar disso.

Ti Calado, coloca a mão direita no bolso, tira o cigarro e o isqueiro. Acende o cigarro e logo de

imediatamente se vê o fumo a pairar no ar...

Nvita – Essa conversa mesmo é boa com fumo no ar.

Ti Calado (*sobressalta as sobrancelhas*)

Nvita – Como ia dizendo, oh mano. Eu fico com essa casa, me mudo aqui com a mãe. A outra casa do mano no Mbucu fica contigo. Como são dois carros, um fica para mim e outro para ti. Mano até parece que pensou no momento da divisão dos bens quando comprou as coisas, comprava tudo dois, pensando em nós. Sem sombra de dúvidas. Sabia que chegaria uma altura que teria que ficar para nós. A empresa vamos gerir os dois. Mano fica à frente, você mbora entende melhor desses assuntos de gestão. O dinheiro no banco, o dinheiro no banco (*diz entusiasmada, o tom da voz soa ligeiramente mais alto*), temos que ir lá! Saber quais procedimentos devemos seguir ou deixar de seguir por conta do titular da conta ter falecido. Por sermos familiares directos acho que vai facilitar o processo. Vamos dividir a meio o dinheiro. A mãe como está no lado da burra da nora, aliás, burra da ex nora, e diz não ir de acordo a tradição nessa parte então não precisamos dar dinheiro para ela. Ela também só vai ficar nessa casa porque enfim, se ela não quiser também paciência, nem vou lhe obrigar ou lhe implorar. Com ela ou sem ela estarei aqui, na minha casa. Nem sei só porquê que essa mãe não me saiu, aliás, ainda bem que eu não lhe saí. Fico tipo sou a mãe. Muinda! (*sorrindo e olhando para casa*) Aaa, minha casa, (*inspira*) aaaa, minha casa, (*expira*) finalmente. Sempre quis viver aqui, sempre, mas o mano não deixou. Disse que era suposto curtir o casamento com a esposa e viver com uma irmã os deixaria meio sufocados... (*revira os olhos*) não entendi mas respeitei. Mas se vivesse com eles, faria da vida da Cristina um inferno. Se longe fiz, não imagino próximo(*ri*), mas faria mesmo da vida dela um inferno! Até tem sorte dela, lhe poupei aquela sulana que acha que é luandense*. Sulana de uma figa, nasceu em Luanda, mas ela é de onde a família veio, que é Benguela. Meu sangue mesmo não bateu com ela desde o princípio! Mas, voltando ao assunto do dinheiro, mano, ainda hoje podemos ir ao banco, não vamos perder mais tempo, mano Calado. Vamos mesmo. Pode ser agora, a vida é urgente. Não estás a ver mano Simão foi e deixou tudo. O amanhã não se sabe. Vamos fazer já isso hoje *Ti Calado dá um trago e novamente se vê fumo no ar...* Como sinal de sim, do Ti Calado, ambos se preparam para sair do quintal quando se ouve o tocar do portão pela segunda vez. A amante entra em cena...

Amante – Quem sou eu? Devem estar a se perguntar isso, nota-se na vossa expressão facial. Sou amante do malogrado. Lamento informar, meus caros, mas aqui não há nada disso de tradição, porque x ou y, nem raio que parta... Tudo aqui é meu! Tudo! O testamento passado pelo vosso irmão confirma isso tudo e mais alguma coisa, claro, o nosso lindo caso de amor.

Nvita – Cala mazé essa boca, santa diaba dos infernos. Como ousas manchar a reputação do meu irmão? Ele era um homem íntegro, de uma só mulher. Desde o primeiro dia que te vi que eu

desconfiei de ti. Eu te disse, mãe. Conheço esses truques, está aí. Mesmo aquele colega do mano é suspeito. Parece que combinaram os dois para ficarem com o dinheiro do falecido.

Amante – Cala você a boca. Sou eu quem aquecia as noites de Simão depois do tempo que ficava no mar. Sabia que tinha família, mas ele prometeu que deixaria ela para ficar comigo. Aquele um mês em cada semestre do ano era a melhor coisa que me acontecia. Comigo ele era completo, não sou a mulher dele que nem lhe satisfazer conseguia. Eu era generosa, estava sempre disposta para ele. Agora para onde vou? Estão aqui os testes (mostra papéis à família de Simão), ele deixou-me com dois meses de gravidez. Esse testamento diz tudo, isso tudo é para nós, a família verdadeira que ele teve enquanto vivo, longe de todos vocês bajuladores. Meu advogado tratou de tudo. Muinda cai e desmaia. Nvita e Calado tentam reanimá-la.

O portão toca, pela terceira vez. Entra um senhor vestido a rigor, fato e gravata.

Banqueiro – Muito boa tarde, meus senhores. Daqui fala o representante do Banco Sky. É a família do Engenheiro, pois não? *Todos acenaram com a cabeça.* Sim, o sr. Engenheiro hipotecou todos os bens como garantia de pagamento da dívida que contraíu com o Banco em Janeiro do ano passado. Desejo a família os meus sinceros sentimentos de pesar e avisar que todos os bens do malogrado estão agora confiscados, pertencendo desde o exacto momento ao banco.

Nvita – Mas quem é você mais?

Banqueiro – Sou o ...(*Nvita corta*)

Nvita – vocês mesmo só tiraram o dia de hoje para difamar o falecido? Não tinham mais nada a fazer? Primeiro uma aparece, a porque sou a fulana e tal (*em zombaria*), sou a outra mulher de Simão; agora é você, só porque conseguiu um fato bonito se apresenta como banqueiro e ven cobrar dívida de um morto? Onde vocês estavam no tempo que ele estava vivo? Saíam mazé daqui, "a porque fez um empréstimo, porque nhoco", vão lá catar piolho. Só falta Jesus Cristo descer e dizer que o falecido não morreu.

Banqueiro – Minha senhora, isto é sério. Há um tempo que o banco vem levado a cabo um inspecção aos créditos mal parados e o seu falecido irmão tinha sido notificado. O pagamento da dívida era para ser feito em 6 meses, acordado em função do salário que o malogrado auferia. Depois de 3 meses o pagamento já não chegava ao banco, parece ter ordenado que lhe fosse pago o salário em outros bancos comerciais. Tivemos uma reunião no escritório do senhor e aumentámos o tempo para mais 3 meses, mas aumentámos a taxa de juro também. Mesmo com toda conversa, o malogrado não cumpriu. Não venho sozinho, o meu advogado e os polícias estão aí fora, melhor saírem por bem.

Nvita – Isso é calúnia. Estão a difamar uma pessoa que não pode se defender. Repito a pergunta : por quê que não apareceram quando ele estava em vida?

Banqueiro – Minha senhora, a lei e os contratos são claros. Se tiver que reclamar tem que reclamar com a lei.

Amante (corta o senhor do banco) – Lei, lei... Lei masé a ova. Que lei é que vai dar leite no meu filho? Que lei vai pagar a melhor escola e construir a melhor casa? Lei masé a ova.

Nvita – Óh, minha senhora, você aqui também não tem o direito de dizer nada. Ninguém te conhece, nem já a mãe que conhece todos em Cabinda. Até que se prove o contrário esse filho que carregas no ventre não é do nosso irmão. Fica masé calada, tas a me irritar. Mesmo se o assunto for à justiça, cabe à esposa do Simão levar adiante, a favor dos filhos, ou a mãe a favor de nós. Você fica só aí no eu canto...

Banqueiro – Eu não tenho o dia todo. Preciso trabalhar, a economia desse país não se move sozinha.

Amante – A tal esposa que levaria as coisas na justiça não é essa que saiu a chorar com os filhos? Lembras dela agora que precisas?

Nvita – Cala-te, senhora! Calem vocês dois e saiam daqui. Olhem isso (apontando para a mãe caída), é isso que vocês fazem quando difamam uma pessoa que durante toda vida teve boa relação com as pessoas. Querem matar a minha mãe?

Amante – Sim, nisso concordamos, ele teve sim boas relações, eu que o diga.

Nvita – Muito descarada mesmo...

Banqueiro – Já chega! Levem a mãe ao hospital e tirem as vossas coisas agora .

Nvita – Aqui ning...(o Banqueiro corta).

Banqueiro – Senhores polícias, podem entrar (grita).

Amante – Pelo menos deixem só o apartamento para o meu filho. Não conseguem ver que eu me tornei mãe solteira?

Banqueiro – A lei é para ser aplicada, minha senhora, mesmo que pareça injusta...

Amante – Mas isso não é lei sequer, é apenas um acordo entre as partes. Não podem abrir uma exceção?

Banqueiro – De igual forma. Acordos são para serem cumpridos, mesmo que pareçam injustos. Se ligássemos para os sentimentalismos não nos tornaríamos o banco que somos hoje. Qualquer coisa que a senhora disser não terá efeito.

Amante – Mas...

Banqueiro – Faz o favor de se retirar, senhora. Vocês também (aponta para Nvita e Calado).

Nvita – Wawee, falecido ficou chateado com o que fizemos com a mulher e nos mandou um castigo (*grita e chora, enquanto ajuda Calado a carregar Muinda*). Nvita e Calado ajoelham-se na porta de casa, viram a cabeça e gritam pela última vez.

CENA FINAL

Monólogo

Calado entra no palco e fica de frente ao público:

Acho que já chegou a hora de parar de fingir. (Faz uma pausa e olha para trás e volta a olhar para frente). Tenho quase a certeza que no meu lugar eles fariam o mesmo, cambada de hipócritas, principalmente aquele miúdo, o Roberto. Quem não sabe que passou a vida inteira a trazer problemas ao pai? Agora que ele morreu quer se fazer e coitado? Dinheiro! Isso tudo é por dinheiro. Que vá a merda. A mim ninguém pode julgar.(movimenta-se ao longo do palco). Ele era o favorito, ELE! Minha mãe não me quis desde que eu vim ao mundo. Passa a vida na igreja porque no fundo sabe dos pecados que cometeu comigo e procura perdão. Hipócrita, muito hipócrita. Nunca sequer ousou me pedir perdão. Passava a vida inteira a elogiar o Simão, filho favorito, universidade em Londres e emprego numa petrolífera. Orgulho da família. De mim nunca sentiu orgulho. Todos os brinquedos, todos os beijos de final do dia, todos os presentes de aniversário melhores, todos os elogios, não sei como eles nunca se deram conta. Talvez a mãe me ame menos porque eu pareço, porque no fundo ela olha para mim e lembra dela, do fracasso que é. Sou um fracassado, sei, mas eu sou tanto quanto ela, sem marido e a viver uma vida medíocre. Por isso o meu pai foi embora mesmo depois de ter lhe dado 3 filhos. Ninguém aguenta uma dessas. Nunca tive voz. Tu. Simão, sempre foste o último a falar, a decisão final. Onde já se viu? Simão tinha que entender que o dinheiro dele não compra idade. Mesmo que fosse o homem mais rico do mundo tinha que me respeitar, sou mais-velho dele. Agora está aí. Eu sou o primogénito, mas a mãe já nem lembra disso, aliás, nem lembra que existo. Eu não matei você. Foram eles! Eles te mataram com cada golpe que davam a mim. Eles te mataram porque alimentaram esse ódio que sinto por ti. Então não, não fui eu, só usaram as minhas mãos. A única que lembra que existo aqui é a Nvita. Por isso sempre apoiarei ela em tudo. Quase não fala comigo, mas um dia já perguntou como eu me sentia, ela me viu quando todos me achavam invisível. Ela e a Cristina. Que mulher bonita. Você tinha lá uma sorte dos diabos. Coitada, Cristina merecia mais que o dinheiro. O que adiantou tanta zombaria e dinheiro se não pode gastar? Só deixou problemas. Incrível, mesmo morto ainda dificulta as nossas vidas. Todo mundo sabe que não era um santo. Mulherengo de uma figura, só a mulherão via isso. Coitada, Luandense bem bonita ficar viúva tão cedo. Não merecia o marido que tinha. Por isso o matei,

aquele gajo se achava muito. Esse povo pensa que eu sou o mais burro por não falar nada. Posso não falar, mas não significa que não vejo. Aquele gajo mereceu. Agora vai, "vá em paz, cassule. Ó santo dos infernos que me corrói a alma, tu que amassas a lua, tu que vives nos escombros da podridão, do que és feito? Invoco-te na solidão do deserto, espero respostas para o grande ódio de Muinda por mim. Como ousa chamar-me de culpado pelo acontecido? Mesmo que seja, não tem o direito de desconfiar no próprio filho. Invoco-te, como o fez a prima Bela, para que mostres o caminho do desaparecimento dessa família, cambada de hipócritas. Ó santo dos infernos que me corrói alma, tu que inventas o sangue que me circula o corpo, tudo que contigias todos com a tua má disposição, engenhereiro do sofrimento, invente a noite só para o Simão do outro lado a fronteira.

Que os anjos do inferno te recebam com os braços abertos"(vocifera). (Solta uma gargalha, senta-se sobre o chão e ergue a cabeça para cima). Queima, seu merda... enquanto nós continuamos a queimar aqui.

FIM